

ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

O NEGRO E A EDUCAÇÃO NA LITERATURA DE VIAGEM DO SÉCULO XIX

Cristiane Maria Ribeiro²⁰

UFG/FE

crismariaufg@hotmail.com

RESUMO

Este texto discorre sobre a percepção dos viajantes sobre a população negra e sobre a educação, para tanto utilizamos como fontes os relatos dos viajantes estrangeiros que passaram por Goiás no século XIX publicados em forma de livros, buscamos identificar em quais situações os negros são descritos, qual era a visão que estes tinham da população negra, como era a vida social e cultural desta população, também objetivamos saber como era a situação educacional goiana neste contexto. Foram, portanto objeto de nossa atenção trechos em que apareceram as palavras: negro, preto, escravo, crioulo, raça, cultura, educação, leitura, professor, escola, livro, leitura. Os dados mostraram que o perfil do negro retirado do conjunto de narrativas lidas é um sujeito preguiçoso, beberrão, insensato, indolente, inconstante, inconsistente e em relação á educação foi possível visualizar uma educação precária, ineficiente e sexista.

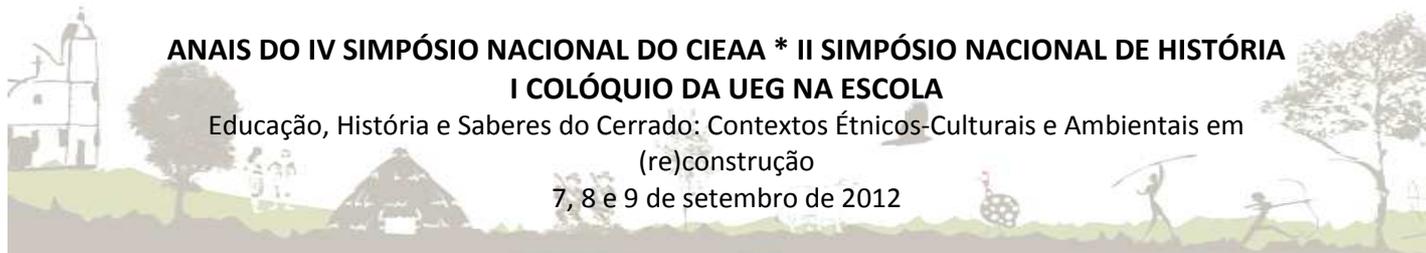
PALAVRAS-CHAVES: Negro – educação – viajantes – Século XIX.

Algumas análises consideram que a exclusão da população negra foi constituída na gênese da instrução pública no país, é o que sugere Schueler (1999, p. 65-66) ao abordar o processo de escolarização ocorrido nos principais centros urbanos brasileiros a partir de meados do século XIX.

O acesso às escolas criadas pelo Ministério do Império era franqueado à população livre e vacinada, não portadora de moléstias contagiosas. Os escravos eram expressamente proibidos de matricularem-se nas escolas públicas. Excluindo os cativos, a legislação da Instrução Pública estabelecia e ratificava a distinção fundamental da sociedade imperial: a que marcava a subordinação dos escravos aos homens livres. (SCHUELER, 1999, p. 67).

²⁰

Professora de História da Educação Na Faculdade de Educação da UFG.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

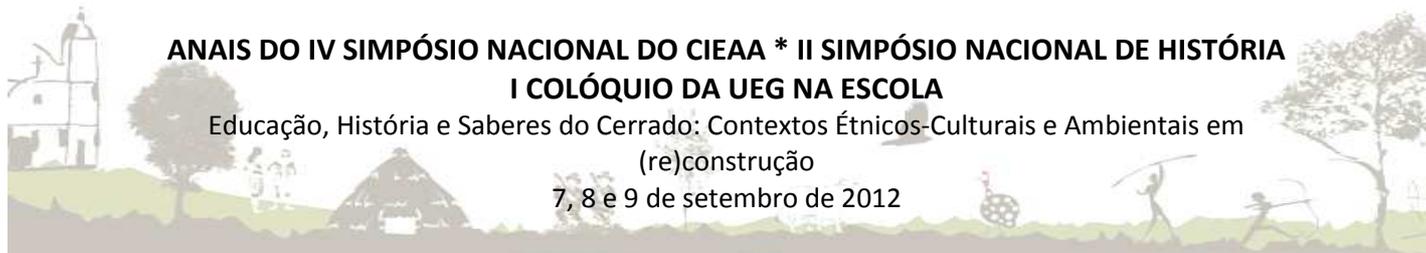
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Outras análises destacam a invisibilidade da população negra na historiografia educacional brasileira é o que destaca Fonseca (2007, p. 9), para o autor, isto pode ser verificado nos trabalhos de história de educação através de uma afirmação que no Brasil, os negros não freqüentaram a escola. Em geral toma-se a escravidão e o pressuposto básico a idéia de que neste sistema a relação entre negros e as escolas só poderia ser pensada em termos de uma exclusão, ou seja, argumenta-se que se o negro era escravo havia restrições legais quanto a sua freqüência às escolas.

Veiga (2008, p. 502) considera que o impedimento legal da freqüência dos escravos às aulas públicas em várias províncias do Império tem sido interpretado também como impedimento da freqüência dos negros, gerando uma série de equívocos, segundo o autor, tanto na historiografia geral como na historiografia da educação associam-se negros a escravos e vice-versa. Para ela, *“ao tomar negros por escravos, estudiosos acabam por limitar a discussão sobre o lugar da escola pública na organização das nações modernas e dos Estados Constitucionais”* (VEIGA, 2008, p. 503).

Sobre a escolarização de negros e mestiços ao longo do século XIX, poucos estudos foram realizados de maneira que dessem visibilidade a uma outra possibilidade de vida dos afrodescendentes que não associada ao mundo da escravidão ou da marginalidade. Ainda assim, observa-se em geral certo espanto dos historiadores quanto ao fato de haver negros que soubessem ler, escrever e/ou contar. Contudo, tal procedimento precisa ser mais bem problematizado, ou melhor, é preciso perguntar sobre o lugar da leitura e do letramento na sociedade imperial brasileira, levando-se em consideração três constatações muito distintas: a presença reiterada do discurso da missão civilizadora da escola por parte das elites governamentais; as precárias condições de funcionamento das escolas públicas de maneira geral; e o alto índice de analfabetismo em fins do século XIX. (VEIGA, 2008, p. 503).

Na argumentação da autora é necessário que reflitamos sobre a experiência da presença de filhos da população negra e mestiça nas escolas brasileiras, além da abolição da escravidão e instalação da República devemos considerar a história do Brasil desde o final do século XVIII, e especialmente nessa época, desde a independência, da instalação da monarquia constitucional e da institucionalização da escola pública para todo cidadão



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

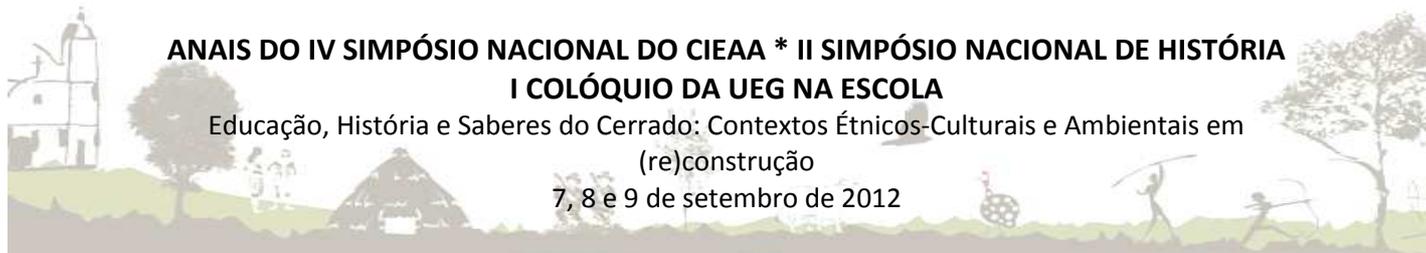
brasileiro. Segundo Veiga (2008, p. 503), dessa forma “*é possível também verificar que a experiência da vivência da discriminação étnica e racial nas salas de aulas possui uma significativa longevidade histórica, não é recente e vem se acumulando há quase duzentos anos.*”

Nossa atenção tem se voltado para a escolarização da população negra, principalmente a situação educacional do negro goiano, surge daí o objetivo de recuperar a trajetória histórica do acesso do negro goiano ao sistema de educação. Este trabalho é resultado de uma aproximação inicial a esse propósito, procurando analisar dois elementos: as condições de funcionamento das escolas públicas em Goiás no século XIX e a visão que se defunia/construía sobre o negro goiano, a partir de relatos dos viajantes estrangeiros que passaram por Goiás neste século. Para a realização da pesquisa analisamos relatos, publicados em forma de livros dos viajantes e nos prendemos a trechos em que aparecem as palavras: negro, preto, escravo, crioulo, mulato, mestiço, cultura, educação, leitura, professor, escola, livro. Os viajantes e seus livros analisados foram: Auguste de Saint-Hilaire (Viagem à Província de Goiás- Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz , George Gardner (Viagem ao interior do Brasil), Luiz D'Alincourt (Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá) e Johann Emanuel Pohl (viagem ao interior do Brasil).

Nosso interesse assenta-se, portanto, em saber entre os habitantes visualizados pelos viajantes como eles descreviam os negros independentemente de eles serem escravos ou não e como eles percebiam o nível cultural/educacional da população goiana.

A escolha dos viajantes enquanto fonte foi ancorada na idéia expressa por Lopes e Galvão (2001, p. 81) sobre as fontes não-tradicionais:

[...] a História da Educação a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais: é difícil, por exemplo, senão impossível, penetrar no cotidiano da escola de outras épocas somente através da legislação ou de relatórios escritos por autoridades do ensino. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 81).



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

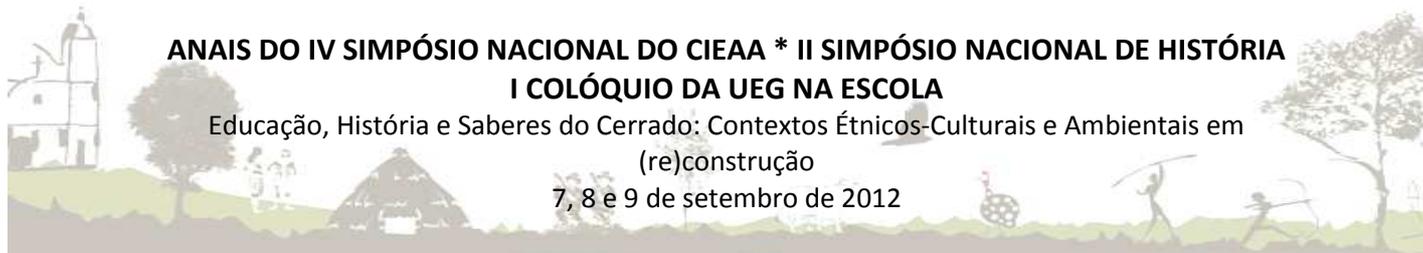
Entre essas fontes não-tradicionais em história, as autoras mencionam “*as narrativas dos viajantes que estiveram no Brasil, principalmente durante os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, registrando os hábitos dos habitantes de um novo mundo.*” Para as autoras (2001, p. 87) estes relatos oferecem descrições de costumes, trajes, modos de dizer e de fazer, espaços domésticos e públicos e podem de preconceitos.

Consideramos ainda para a realização deste trabalho o que afirma Garcia (2010, p. 68) ao nos apontar que “*os viajantes produziram um conjunto variado de informações sobre Goiás, construindo uma literatura de viagem que se revela de forma expressiva o século XIX na Província.*”

O fato é que o Brasil no século XIX recebeu um grande número de estrangeiros viajantes com objetivos variados, dentre eles: explorar as riquezas e os recursos naturais aqui presentes, desbravar novos horizontes e dominar essas novas terras, situações que resultaram numa considerável quantidade de relatórios que se constituíram numa fonte documental chamada Literatura de Viagem.

De acordo com Andrade (2008, p. 96) somente no governo de D. João VI foi reconhecida a importância de divulgar conhecimentos de natureza científica sobre o país, atenuando o embargo à vinda de estrangeiros ao Brasil, abrindo os portos brasileiros às nações amigas, objetivando inserir o Brasil nas monarquias européias pelas vias diplomáticas, tirar o país do obscurantismo por meio do fomento da vinda de cientistas estrangeiros: botânicos, zoólogos, geógrafos, geógrafos, mineralogistas. É importante notar que prevalecia nestas missões estrangeiras o olhar europeu era carregado de toda uma visão de mundo que tomava como referência o próprio continente europeu.

Em suma, frente à necessidade de elevar o Brasil ao novo papel histórico que as circunstâncias o conduziam a representar, era mister realizar estudos organizados e metódicos sobre seus recursos naturais. Inexistindo ainda na colônia uma estrutura educacional erudita capaz de formar profissionais para esse fim, a solução encontrada pela nova administração foi a de incentivar a vinda de botânicos, zoólogos, geógrafos, cartógrafos, geólogos, mineralogistas e tantos outros cientistas estrangeiros que pudessem, efetivamente, contribuir com suas pesquisas para o conhecimento do país. Tais medidas foram efetivamente tomadas e consubstanciadas tanto através



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

da contratação oficial de cientistas especializados em diferentes áreas do saber, como da permissão e mesmo do estímulo à vinda de eminentes naturalistas que demonstrassem empenho em realizar viagens pelo interior do Brasil, estudando-o e realizando levantamentos dos recursos disponíveis de acordo com os padrões das exigências científicas da época. (CORRÊA, 1997, p. 121- 122).

A busca pelo “exótico” era constante, e o modelo dessas viagens exploratórias orientava-se pela apreciação da paisagem natural e das observações da vida humana

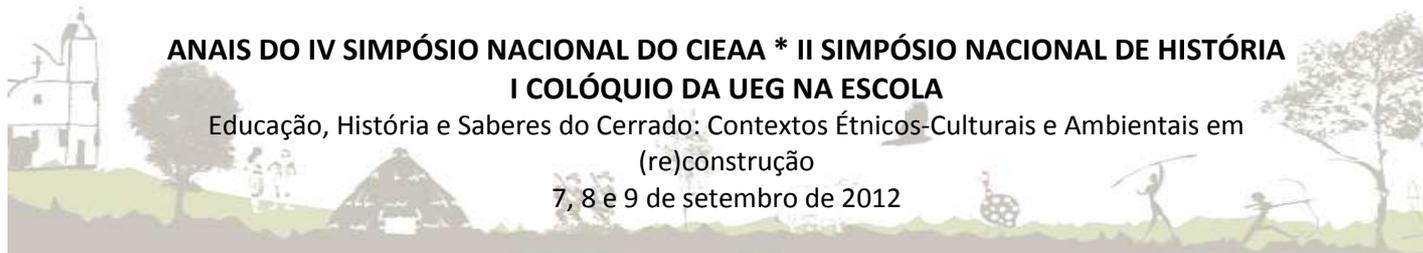
Isso dava-se mediante a coleta, observação e classificação de espécimes naturais, bem como por meio do recolhimento metódico de dados geográficos, geológicos, minerológicos, etnográficos e antropológicos, entre tantos, realizados pelo ‘olhar’ ilustrado de naturalistas que depositavam grandes expectativas na diversidade dos aspectos naturais desse imenso e fascinante país tropical e de seus habitantes, ainda considerados, pela visão européia de mundo, como “exóticos e diferentes”. (CORRÊA, 2001, p. 79).

Os estrangeiros em seus relatos dialogavam com o público europeu, consumidor da literatura de viagem. As imagens que registravam eram elaboradas de forma a adequar a visão de mundo desse leitor, ou seja, “assim como o Brasil pode ser visto pelos olhos dos viajantes, eles também nos viam com os olhos de seu mundo, fixando-se em sua identidade para tentar explicar a nossa diferença.” Garcia(2010, p. 62).

O fato é que no século XIX muitos viajantes estrangeiros vieram ao Brasil, a princípio motivados pela descoberta de nossa flora e de nossa fauna, mas depois intrigados com o “espetáculos dos homens”: o espetáculo da mistura, o “espetáculo das raças” (SCHWARCZ, 1998, p. 89).

Eles se ocupavam em observar e escrever sobre as diferenças geográficas e socioculturais das localidades visitadas e do cotidiano dos que aqui viviam. Era comum também descrever tudo o que considerava exótico e pitoresco, as características dos índios, a vida dos escravos e as relações inter-raciais eram alguns dos assuntos descritos.

Os negros eram considerados diferentes do restante da população devido a sua procedência, cor da pele, caracteres fenotípicos e culturais, sendo



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

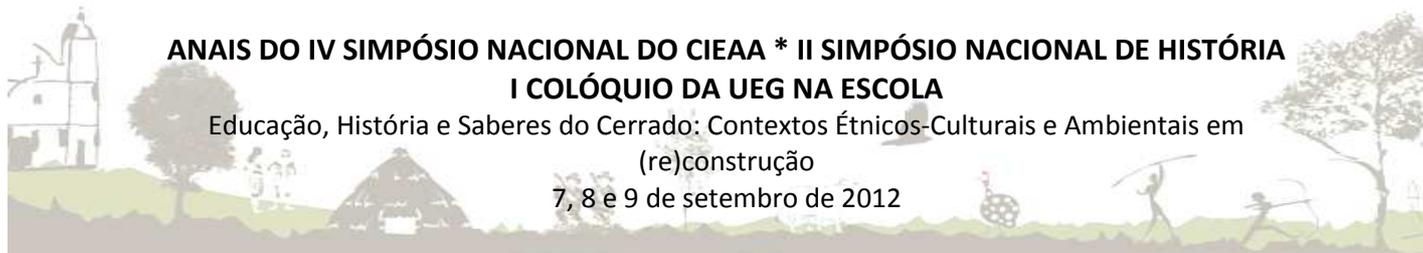
recorrente a percepção de que eles eram inferiores, idéia dominante na época. Muitos visitantes se incomodavam com o fato de os negros participarem do cotidiano das cidades, ficando evidente a mescla de curiosidade e repulsa que permeava os sentimentos desses estrangeiros. (DIAS, 2007, p. 5- 6).

Lara (1989 apud VEIGA, 2008, p. 510) confirma que a influência das teorias raciais nos registros documentais é abundante no final do século XIX e particularmente no período republicano. Ele destaca que os relatos de viajantes, desde o início do século XIX, faziam referência indiscriminada de negros como escravos e que tais relatos foram tomados como fonte documental por diferentes pesquisadores.

Já Leite (1996) considera que os relatos dos viajantes estrangeiros foram referência para estudiosos como Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Roger Bastide, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni, tanto para confirmar a inferiorização dos negros (Nina Rodrigues), quanto para afirmar a democracia racial (Gilberto Freyre) ou denunciar o racismo (Bastide, Fernandes, Cardoso, Ianni).

Alguns viajantes estrangeiros passaram por Goiás e segundo Chaul (2001, p. 9) as crônicas e a literatura de viagem destes são preciosas, pois deixaram registros sobre a fauna, a flora e a vida social, econômica, política e cultural do povo goiano. “Deixaram também, equívocos sobre o processo histórico de nosso povo que, aos poucos, a historiografia vai reconstruindo e, em certos casos, desfazendo verdades até à pouco tempo tidas como certas, alicerçadas pela chamada história cultural” (CHAUL, 2001, p. 9).

Para Garcia (2010, p. 68) os viajantes produziram um conjunto variado de informações sobre Goiás, construindo uma literatura de viagem que revela de forma expressiva o século XIX na Província. Nosso interesse então nesses viajantes se assentou em dois elementos: primeiro como eles viam/concebiam os negros goianos e se seus olhares eram balizados por algum preconceito; em segundo lugar queremos saber como esses viajantes relataram a situação educacional da população goiana do século XIX. Existia um sistema de ensino formal? Este era estruturado? Quais as pessoas e/ou grupos podiam freqüentar as escolas? Estas eram eficientes?



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

A visão sobre os negros goianos de alguns viajantes que passaram por aqui no século XIX estava em consonância com o pensamento racial vigente na época, podemos destacar, dentre outros, a associação de características físicas a traços de personalidade e comportamento. Johann Emanuel Pohl, por exemplo, vê a paixão como marca característica do negro goiano.

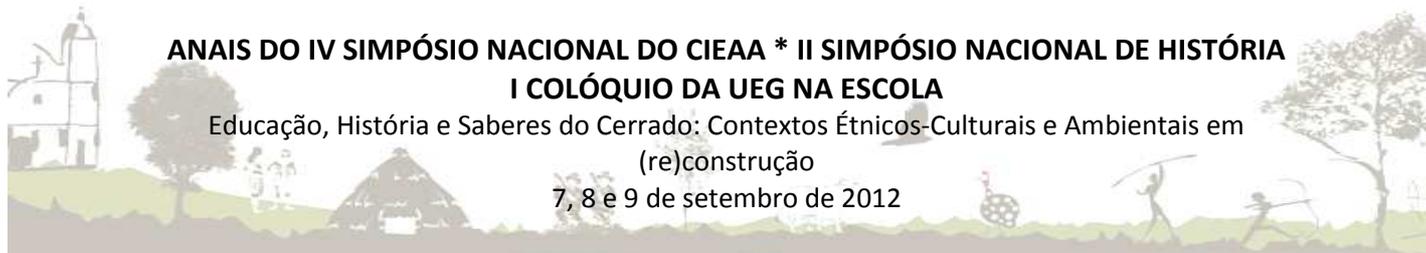
Passamos os dois dias seguintes, sob constante chuva, à procura de nossos animais, que não víamos desde o aparecimento dos dois cavaleiros noturnos. Receava efetivamente que tivessem sido furtados por eles; mas, apesar de toda a minha cólera, tive de sorrir ante a providência tomada por meu guia, um negro livre, para retomar a presa aos ladrões. Com toda a paixão de sua raça, os olhos cintilantes de furor, murmurando uma fórmula de encantamento, ele deu nós numa corda e dependurou-a sobre o fogo. Depois partiu em busca dos animais e teve a sorte de descobri-los e trazê-los, com triunfo da superstição, compreende-se, pois estava convencido da infabilidade de sua magia. (POHL, 1976, p. 109).

Para este mesmo viajante o negro goiano tinha um padrão de vida social desorganizado, atribuindo a ele características como propensão ao alcoolismo, imoralidade, preguiça e insensatez.

Predomina aqui uma economia singular, especialmente entre negros livres, que não trabalham mais do que o necessário para a satisfação de suas necessidades. Faturam bastante para gastar a noite com bebidas e mulheres, no máximo para continuarem essa vida por ainda mais um dia: enfim, tanto tempo baste para o salário de um dia. Então chega a penúria, e voltam ao trabalho, momentaneamente, para ganhar o suficiente para renovar, com altos e baixos, essa insensata vida de maus costumes. Dada essa explicação, ninguém se admirará mais de que não possa existir bem-estar entre essa população. (POHL, 1976, p. 162-163).

Em relação às narrativas de Saint-Hilaire, Versiane (2000, p. 4-5) afirmou que nelas se encontram inúmeras observações de teor racista, pois atribui ao negro predisposição à: indolência, preguiça, imoralidade, inconstância e inconsistência.

Uma mulher negra estava à porta, mas como não desejasse receber-nos ela



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

nos garantiu que faltava apenas uma légua para chegarmos ao arraial. Envergonhado por ter perdido a rota, o meu guia, com essa inconsistência característica dos homens de sua raça, concordou imediatamente com a mulher, renegando o que tinha dito antes. Estabeleceu-se uma discussão entre nós dois, a qual logo pus fim dizendo ao negro que achava disposto a admitir que faltava apenas uma légua e que para percorrer essa distância não precisaríamos de mais duas horas. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 35).

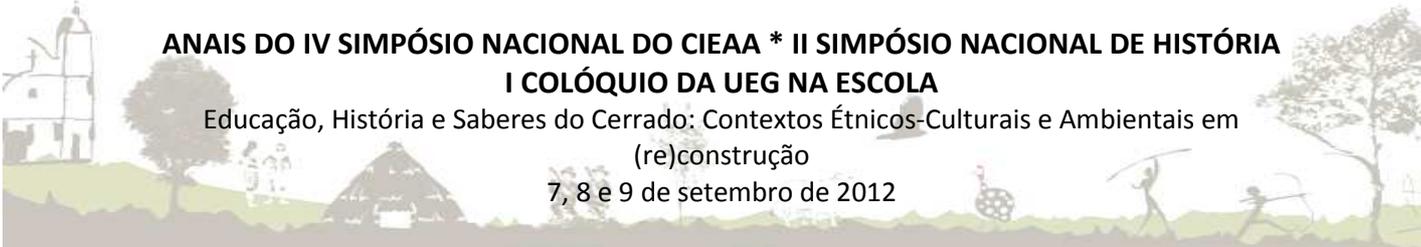
A composição étnica goiana no século XIX também é objeto de atenção das narrativas dos viajantes que passaram por Goiás. Saint-Hilaire, por exemplo, fica intrigado com a frequência da mestiçagem.

Entre os numerosos moradores do Sítio do Pari, todos parentes uns dos outros, havia alguns que eram perfeitamente brancos, de cabelos louros e faces coradas, e outros de tez parda e cabelos encarapinhados, que traíam a sua origem africana. Apesar da pouca simpatia existente entre brancos e mulatos, essas misturas não são incomuns nas famílias pobres, que não podem ser muito exigentes em seus casamentos ou ligações. Muitas vezes, também, algumas famílias onde houve miscigenação voltam a ter descendentes brancos em consequência de novos cruzamentos. Assim, um dos moradores do Pari eram evidentemente um quarteirão. Tinha casado com uma mulher da raça branca, e os cabelos de seu filho eram louros e lisos. De tantos e tão variados cruzamentos resulta muitas vezes que se torna difícil determinar se um homem é realmente branco ou se deve ser incluído entre os mestiços. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 108).

O viajante estava atento aos habitantes da província de Goiás, às contradições aqui existentes, pois para ele “não se encontra na província um número de brancos suficientes para ocupar cargos públicos”. O que causa espanto é a naturalidade e a falta de questionamento dessa hierarquização racial em que no pólo mais desfavorável se encontrava o negro e o mestiço excluídos do acesso aos cargos públicos. Isso denota, sem dúvida, a “certeza” de que os negros eram inferiores.

Por outro lado, temos uma passagem no relato de Pohl (1976) em que ele percebe uma contradição na existência de uma “lei” que proíbe a distinção de cor e outra que exclue negros e mulatos de cargos públicos.

Embora os brancos procriem indiscriminadamente com mulatas e negras e



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

não se recusem e reconhecer publicamente esses filhos, não querem que os filhos se casem com essas raças. Aliás, uma nova lei aboliu quaisquer distinções de cor e declara todos os habitantes do reino com vassallos iguais do Rei; mas é bem curioso que outra lei exclua negros e mulatos dos cargos judiciais, declarando, que só os brancos estão em condições de preenchê-los. Dessa maneira, em casos tais, um empregado branco é muitas vezes preferido ao seu patrão de cor. (POHL, 1976, p. 142).

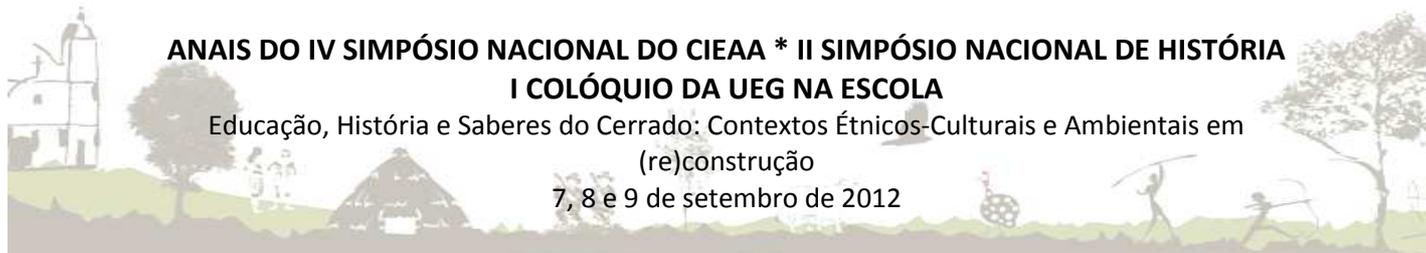
Outro elemento interessante visualizado nas narrativas dos viajantes estrangeiros é um comportamento social em que os brancos se sentem e agem como “superiores” aos negros. Apesar de não haver uma reflexão sobre o porquê desse tipo de postura, fica clara a existência do preconceito e da discriminação com os negros goianos. Podemos observar também uma visão preconceituosa em relação aos portugueses que encontram eco até hoje no senso comum.

Os brancos são na maioria de origem portuguesa, em parte fugitivos e aventureiros e, no entanto, formam a primeira classe, o que se deve apenas à cor. Na maior parte são intoleravelmente altivos e soberbos, crentes dessa superioridade em relação às outras raças. Poucos melhoram o caráter, antes exibem a vulgaridade de sua existência anterior. O ócio é a máxima felicidade dessa gente. (POHL, 1976, p. 141).

Saint-Hilaire também visualiza o preconceito em relação aos negros e mestiços além de perceber a situação social desvantajosa do negro goiano.

O capelão de Jaraguá era mulato. Já elogiei a sua cortesia, mas havia nela uns laivos de humildade cuja origem é situação de inferioridade em que são mantidas as pessoas mestiças na sociedade brasileira e que elas nunca esquecem quando se acham no meio de brancos. Essa inferioridade não existe realmente, se se comparar a inteligência de uns e de outros. Poderíamos mesmo afirmar que os mulatos têm mais vivacidade de espírito e mais facilidade para apreender as coisas que as pessoas da raça caucásia pura. Contudo, mostram a inata inconstância da raça africana e todos eles, filhos ou netos de escravos, têm sentimentos menos elevados que os brancos, sobre os quais, entretanto, não deixam de se refletir fortemente os vícios da escravidão. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 44).

Em síntese, os viajantes estrangeiros que estiveram em Goiás no século XIX



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

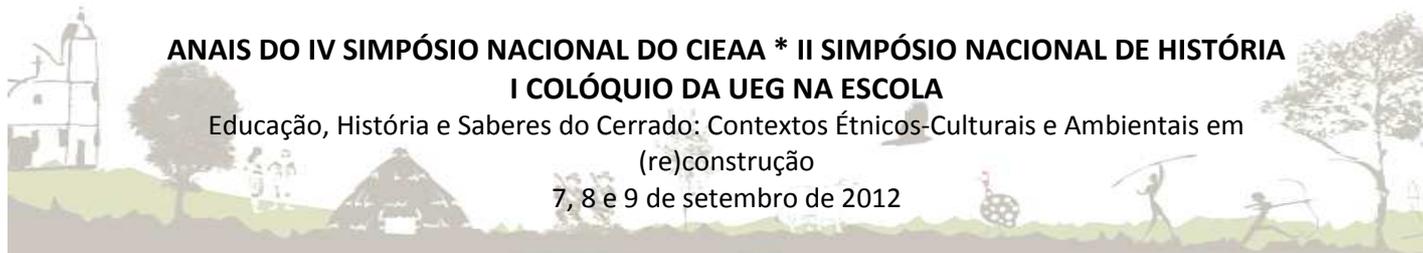
perceberam que aqui a mestiçagem era uma realidade, que os negros não podiam ocupar cargos públicos e que os brancos se sentiam superiores aos negros. Os viajantes caracterizaram os negros goianos como desregrados, preguiçosos, beberrões, insensatos, indolentes, inconstantes, inconsistentes, e se os viam assim era porque estavam orientados pelas teorias racistas em voga na Europa no século XIX e associavam características físicas a traços de personalidade e comportamento.

Em se tratando da educação em Goiás durante o século XIX de acordo com Abreu (2006 p. 254) estava em processo de criação e expansão das escolas de primeiras letras por toda a província, segundo a autora, esse processo foi marcado por momentos de supressão e restauração das escolas, bem como pela remoção das unidades escolares de uma localidade para outra. Os presidentes da província nesse processo agiram predispostos a cumprir os dispositivos legais de estender à instrução primária e gratuita a todo cidadão brasileiro e de diminuir as despesas das províncias.

De acordo com Abreu (2006, p. 254), apesar do interesse dos presidentes com a implantação e a expansão das escolas de primeiras letras por toda a província e da obrigatoriedade estabelecida pela legislação educacional goiana, a frequência escolar foi baixa durante todo o século XIX. A autora destaca ainda que o ensino ministrado nas escolas foi também considerado de baixa qualidade e diversas foram as tentativas de aperfeiçoamento do ensino vigente em Goiás pelos administradores, por meio de reformas ou elaboração de regulamentos de instrução pública e abertura de instituições. Entre as causas elencadas como responsáveis pelo atraso da instrução em Goiás destacou-se a falta de habilitação dos professores públicos e a pouca frequência dos alunos entre outras.

A situação descrita pelos viajantes estrangeiros que passaram por Goiás no século XIX não era muito diferente da diagnosticada por Abreu (2006), pois viram uma escola precária, ineficiente e sexista.

Gardner, por exemplo, relata que, ao passar por Arraias (hoje cidade tocantinense, mas que no século XIX pertencia ao estado de Goiás), detectou a existência de “três escolas públicas, duas das quais primárias, uma para meninos, outra para meninas; na terceira só se ensina latim”. O viajante narra que em Arraias como em todas as vilas e aldeias do interior os



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

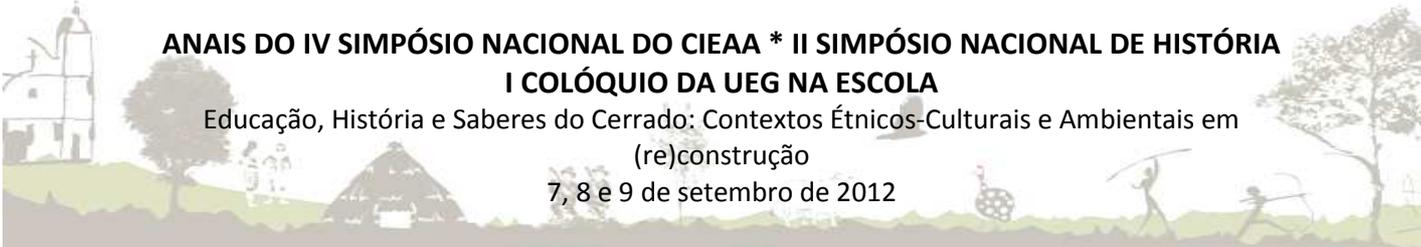
mestres eram pagos pelo governo e, por conseguinte, era gratuita a educação de todas as classes sociais. Ele se espanta com o pequeno número dos que se valem desta oportunidade para a educação de seus filhos e com a dificuldade dos que moram na zona rural para educar seus filhos.

Os que, vivendo no campo, mandam os filhos à escola, são obrigados a pagar-lhes pensão na vila, coisa que se considera geralmente grande sacrifício. Aqui como alhures pouca gente encontrei com gosto da leitura e os poucos livros que possuem são pequenos livros de reza. Mesmo as bibliotecas dos padres se limitam a umas poucas obras religiosas e clássicas, entre as quais raro se acha uma bíblia, que é representada por uma abreviação. (GARDNER, 1942, p. 302-303).

Pohl também visualizou uma educação desestruturada, com professores em condições precárias de trabalho, sem remuneração ou mal remunerados.

No ano de 1744 foram estabelecidas coletas para auxílio das escolas. No segundo ano renderam 2:860\$840. Em 1794, perfizeram, em toda a capitania apenas 734\$055. Esse dinheiro era destinado ao pagamento dos professores públicos, os quais, com as coletas sempre decrescentes, tinham de cair na pior situação, a ponto de eles próprios estabelecerem coletas. Em Vila Boa esses professores eram: um de Filosofia e Moral, um de Retórica, um de Gramática e um de disciplinas elementares. Em Meia ponte também há um Professor de Gramática e, no importante Arraial, um que ensina a ler, escrever e contar. Mas, como esses mestres, por causa da insignificante coleta, não podiam ser remunerados, várias matérias deixaram de ser ensinadas em Vila Boa, conservando-se apenas um professor de Gramática para esta Capital e alguns professores primários do Arraial. (POHL, 1976, p. 139).

Saint-Hilaire também traça um perfil desolador da educação goiana no século XIX. Ele ressalta a falta de oportunidade dos goianos de frequentarem a escola; o descaso do governo com a organização da educação; sua ineficiência e despreocupação com a educação de crianças e mulheres. O viajante vê no homem goiano habilidade, inteligência e capacidade de imitação, mas se impressiona com a falta de oportunidade que esse tem de cultivar suas capacidades intelectuais, seja pelo isolamento ou pela indigência em que vivem.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Apesar de tudo o que precede não se suponha que esses homens sejam desprovidos de inteligência. Encontram-se em Vila Boa artesãos extremamente hábeis, que imitam com grande perfeição o que se lhes mostra, e que, no entanto, não tiveram mestres. Mas, como já tive ocasião de dizê-lo, os goianos não têm, em geral, nenhuma oportunidade de cultivar suas faculdades intelectuais, e aptidão para a indústria; vivem isolados, na indigência, e se alguma coisa se deve admirar, é que vários deles não tenham caído em um estado mais próximo ainda da completa barbárie. (SAINT-HILAIRE, 1937, p. 336-337).

A ineficiência das escolas pode ser percebida na descrição abaixo:

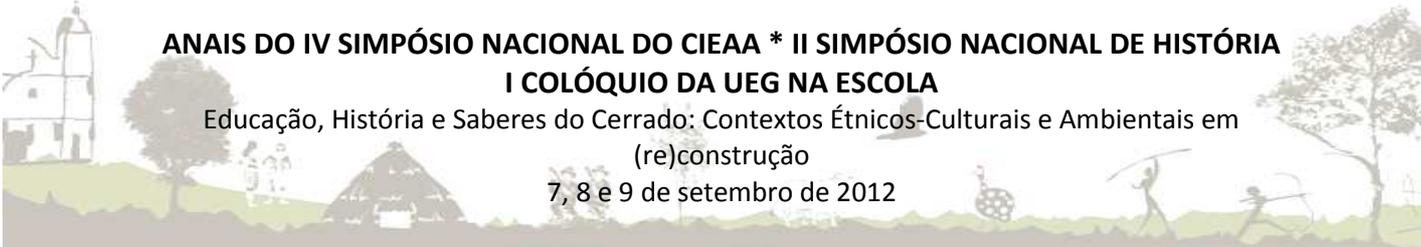
Enquanto que os outros contavam, no máximo, com um professor de primeiras letras, Meia Ponte tinha (1819) um professor da Gramática Latina pago pelo governo. Tenho minhas dúvidas, porém, de que fosse grande o número de seus alunos e de que seus ensinamentos dessem resultados práticos. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 37).

O viajante (1937, p. 37) também percebe precariedade na educação das mulheres goianas, que as descreveu da seguinte forma: “seus traços não têm nenhuma delicadeza, seus movimentos são desgraçosos, sua voz é sem doçura, sua conversa é desinteressante, mostram-se embaraçadas e estúpidas”. Também é objeto de crítica a situação educacional das crianças fruto de uniões ilegítimas.

As crianças, nascidas de uniões ilegítimas e passageiras, não recebem nenhuma educação; adquirem cedo hábitos viciosos, vegetam na ignorância, não conhecem nem família, nem pátria, e recusam trabalhar, sob o pretexto de que o sangue dos brancos corre em suas veias. (SAINT-HILAIRE, 1937, p. 238).

Em síntese, os viajantes estrangeiros que estiveram em Goiás no século XIX viram uma educação precária, ineficiente e sexista. As condições de trabalho dos professores também eram precárias e esses eram mal remunerados.

Em relação à inserção de grupos étnicos minoritários nas escolas goianas no século XIX, temos a informação de Abreu (2006) que descreve ações educativas com o objetivo de “civilizar” os índios e prevenir os conflitos:



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

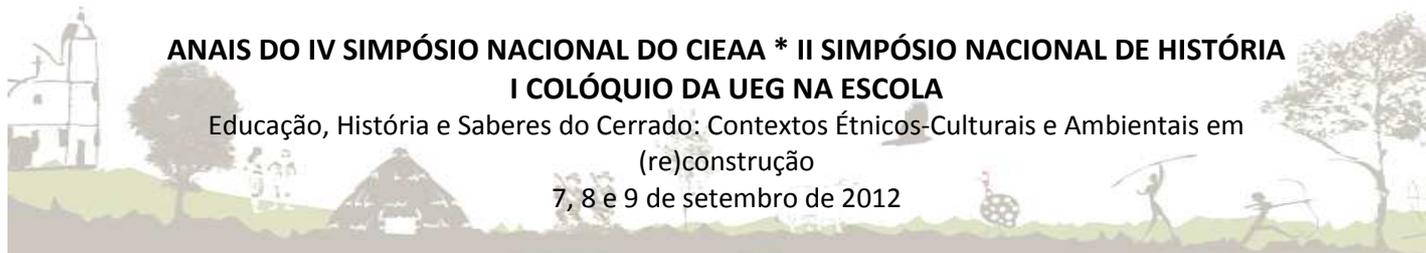
Diante de tantos conflitos entre brancos e índios, sem chegar ao resultado esperado pelos primeiros, ou seja, a submissão dos índios, o governo conclui que deveria mudar de estratégia e tentar um contato mais pacífico com os nativos. À medida que se conseguia estabelecer uma convivência mais pacífica com os indígenas, o governo pensava em uma forma de “aperfeiçoar” esses contatos. A estratégia foi a catequese e a instrução, através das escolas de primeiras letras e do ensino profissional. Com a catequese em massa e o ensino profissionalizante, seria possível tornar os índios “dóceis” e dados ao trabalho, assim, eles seriam bons colonos. (ABREU, 2006, p. 76).

Em se tratando dos relatos dos viajantes, não encontramos nesses relatos a inserção da população negra neste universo. É fato também a inexistência do recorte étnico-racial nos livros e pesquisas sobre história da educação em Goiás. Bretas (1991, p. 94-100) recupera a trajetória de um professor mestiço que iniciou suas atividades em Vila Boa a partir de 1788 e que encontrou dificuldades em se ordenar padre devido a sua condição de mestiço. Segundo o autor na sua profissão como professor de Gramática Latina, aparece a palavra substituto mesmo não tendo à cadeira um professor titular. Fato que só poderia ser explicado pela condição de mestiço desse professor ou de ter nascido na colônia, o que para a Corte não merecia fé, pois supunha-se que este estaria sempre pronto a trair o rei. Sendo assim, a educação da população negra goiana carece de uma análise profunda e cuidadosa.

Considerações finais

Quando nos propusemos a identificar a percepção dos viajantes sobre a população negra e sobre a educação, tínhamos como hipótese que esta seria balizada por preconceitos. Os dados confirmaram nossa hipótese, uma vez que o perfil do negro retirado do conjunto de narrativas analisadas é o de um sujeito preguiçoso, beberrão, insensato, indolente, inconstante e inconsistente. Os viajantes perceberam que aqui a mestiçagem era uma realidade, porém os negros não podiam ocupar cargos públicos e os brancos se sentiam superiores a eles.

No tocante à educação formal, as menções são bem mais esporádicas, porém o cenário também é desolador. É possível visualizar uma educação precária, ineficiente e sexista.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

REFERÊNCIAS

ABREU, Sandra Elaine Aires de. *A instrução primária na província de Goiás no século XIX*. 2006. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Diacronia. Saint-Hilaire, Pohl, Gardener e Castelnau a exotização da província de Goiás e a grafia dos topônimos. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, vol.XI, n. 05, p 96 -105, 2008.

BRETAS, Genesco Ferreira. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia. CEGRAF/UFG. 1991.

CHAUL, Nasr Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Org.). *Goiás: identidade, paisagem e tradição*. Goiânia. Ed. da UCG. 2001.

CORRÊA, Margarida Maria da Silva. *A construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re) do reino tropical*. 1997. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1997.

_____. Naturalistas e Viajantes estrangeiros em Goiás (1800- 1850).In: CHAUL, Nasr Fayad & RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Org.). *Goiás: identidade, paisagem e tradição*. Goiânia. Ed. da UCG. 2001.

D'ALINCOURT, Luiz. *Memória sobre a viagem do Porto de Santos a cidade de Cuiabá*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

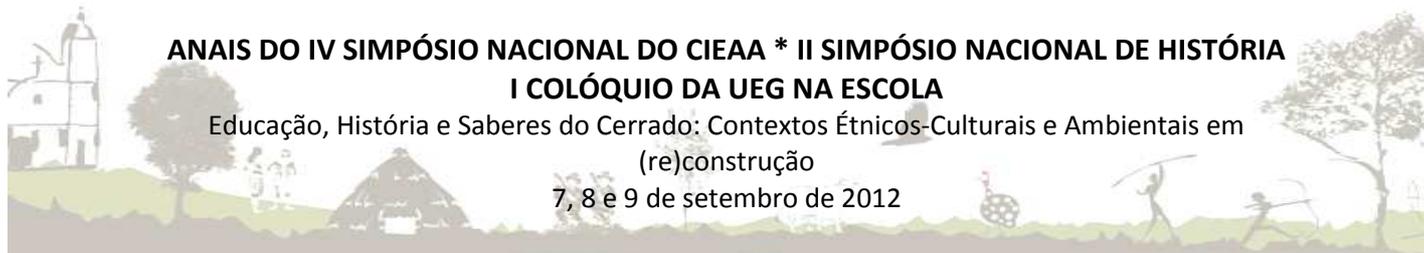
DIAS, Olívia Biasin. A representação da diversidade racial brasileira nos relatos dos viajantes oitocentistas. In: III Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Anais. 2007.

GARCIA, Ledonias Franco. *Goyaz: uma província do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial/Editora da PUC-Goiás, 2010.

GARDNER, George. *Viagens no Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1844* / George Gardner. Trad. de Albertino Pinheiro. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.

FONSECA, Marcus Vinícius. Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia de viagem*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro. DP&A. 2001.

PHOL, Johann Emmanuel. *Viagem no Interior do Brasil*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Ed. Itatiaia: São Paulo. EDUSP, 1976.

SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem à Província de Goiás*. Ed. USP: Belo Horizonte/ São Paulo, 1975.

SAINT-HILAIRE, August. *Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz*. Tomo I, Vol. 68, Col. Brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Sob o signo da diferença: a construção de modelos raciais no contexto brasileiro. In: HASEBALG, Carlos A. *Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF. 1998.

SCHUELER, Alessandra F. Martinez de. Crianças e escolas na passagem do Império para a República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19. n. 37, p. 59-84, 1999.

VEIGA, Cynthia Greive . *Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção Imperial*. *Revista Brasileira de Educação*. Set/dez. 2008. v. 13. n.39.

VERSIANE, Flávio Rabelo. Os escravos que Saint-Hilaire viu. *História Econômicas e Histórias de Empresas*, 2000. Disponível em <<http://www.brnuede.com/bhds/bhd37>>.